

DESMISTIFICANDO
**AÇÕES COLETIVAS
NO SUAS**

1ª EDIÇÃO



PREFEITURA DE
SÃO GOTARDO

Secretaria Municipal
de Desenvolvimento
Social

DESMISTIFICANDO
**AÇÕES COLETIVAS
NO SUAS**

1ª EDIÇÃO

PRODUÇÃO: DANIELE MAGNAVITA
ILUSTRAÇÃO: SHAIENY SILVA

SÃO GOTARDO
2025

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
PARTE 1: Planejamento	04
PARTE 2: Organizando o conteúdo dos encontros	05
PARTE 3: Sugestão de temas a serem abordados pelos profissionais	06
PARTE 4: Técnicas para ações coletivas	07
PARTE 5: Sugestão de técnicas por tema	14
APÊNDICE	16
REFERÊNCIAS	17

Apresentação

A chave para o sucesso de qualquer atividade coletiva no SUAS, como os grupos do PAIF/PAEF, do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, as oficinas e ações comunitárias é o **planejamento**. Ou seja, pensar de forma prévia à ação para imaginar as etapas de sua execução.

Este documento foi adaptado a partir da cartilha “Ressignificando a Velhice no SUAS” e desenvolvido com o objetivo de desmistificar às ações coletivas através da instrumentalização dos profissionais do SUAS, tendo em vista as lacunas identificadas nos materiais disponíveis e no escasso tempo destes profissionais para se dedicarem ao planejamento e à organização de ações coletivas.

As ações coletivas têm um papel central no trabalho social com famílias, pois criam espaços de convivência, fortalecimento de vínculos e troca de experiências, fundamentais para enfrentar vulnerabilidades, violações e promover a autonomia. Essas iniciativas possibilitam que as famílias desenvolvam estratégias conjuntas ou individuais para lidar com desafios comuns, formando redes de apoio que ampliam a proteção social e o acesso a direitos. Desta forma, as ações coletivas incentivam o protagonismo e a participação ativa das famílias no desenvolvimento de soluções, promovendo a inclusão, o respeito à diversidade e a construção de comunidades mais protegidas.

Importante lembrar que os serviços, programas, projetos e benefícios do SUAS priorizam o atendimento às famílias, seus membros e indivíduos, organizados territorialmente e definidos pela complexidade e função que desempenham. Esses serviços visam assegurar três seguranças principais: **sobrevivência (por meio de renda e autonomia), acolhida e convivência ou vivência familiar**, que fornecem a base da proteção social oferecida pelo SUAS a quem dela necessitar (BRASIL, 2004).

Considerando as diferentes possibilidades de acesso ao público-alvo usuário do SUAS, caracterizado pela diversidade, é desejável que os **trabalhadores e/ou convidados** disponham de conhecimentos sobre diversos temas (**Parte 3**). A linguagem de fácil compreensão e simplicidade é essencial para garantir que a comunicação seja **acessível** a diferentes públicos, independentemente de sua escolaridade, idade ou contexto sociocultural. Quando utilizamos uma linguagem clara e objetiva, as informações são transmitidas com maior eficiência, reduzindo o risco de interpretações equivocadas e promovendo a inclusão.

Antes de avançarmos com sugestões para o planejamento das ações no SUAS, vamos apresentar no Quadro 1 os serviços que compõem o SUAS, por nível de proteção, destacando seu conceito, função e público-alvo, conforme a Resolução nº 109/2009 do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS). Com isso, resgatar as possibilidades de público-alvo para as ações de multiplicação.

Quadro 1: Serviços socioassistenciais

Nível de Proteção		Serviço	Conceito	Função	Público-alvo
Proteção Social Básica		Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família – PAIF	Apoio integral a famílias vulneráveis.	Prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições.	Famílias e indivíduos em vulnerabilidade social.
		Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV	Atividades em grupo por faixa etária.	Promover a socialização e o fortalecimento de vínculos através de atividades em grupo por faixa etária.	Crianças, adolescentes, adultos e pessoas idosas.
		Serviço de Proteção Social Básica no Domicílio para Pessoas com Deficiência e Idosas – SPSBD	Atendimento domiciliar a pessoas idosas e com deficiência.	Prevenir o isolamento e garantir autonomia.	Pessoas idosas e com deficiência.
Proteção Social Especial	Média Complexidade	Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos – PAEFI	Apoio a famílias e indivíduos com direitos violados.	Realizar um acompanhamento especializado de caráter protetivo..	Famílias e indivíduos com direitos violados.
		Serviço Especializado de Abordagem Social	Serviço Especializado de Abordagem Social de pessoas em situação de rua.	Identificar, acolher e encaminhar para serviços adequados.	Pessoas em situação de rua.
		Serviço de proteção social a adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de Liberdade Assistida (LA) e de Prestação de Serviços à	Atendimento a adolescentes em medidas socioeducativas.	Acompanhar o cumprimento das medidas de liberdade assistida e prestação de serviços à comunidade.	Adolescentes em medidas socioeducativas.

		Comunidade (PSC)			
		Serviço de Proteção Social Especial para Pessoas com Deficiência, Idosos(as) e suas Famílias	Apoio especializado a pessoas idosas e com deficiência.	Promover a proteção e apoio especializado a famílias e indivíduos.	Pessoas idosas e com deficiência.
		Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua	Atendimento a pessoas em situação de rua.	Oferecer apoio e reinserção social.	Pessoas em situação de rua.
Proteção Social Especial	Alta Complexidade	Serviço de Acolhimento Institucional (Instituição de Longa Permanência para Idosos (as) - ILPI), Casa Lar, Casa de Passagem	Acolhimento temporário e emergencial a pessoas com vínculos fragilizados ou rompidos.	Garantir proteção integral em situação de risco pessoal/social por violação de direitos.	Crianças e adolescentes, pessoas idosas, com deficiência, em situação de rua, migrantes, mulheres.
		Acolhimento em República	Moradia assistida para pessoas sem suporte familiar.	Promover autonomia e inclusão social.	Jovens, adultos e pessoas idosas.
		Acolhimento em Família Acolhedora	Acolhimento familiar temporário.	Substituir acolhimento institucional por acolhimento familiar.	Crianças e adolescentes.
		Proteção em Situações de Calamidades Públicas e Emergências	Atendimento emergencial em situações de desastre.	Oferecer abrigo e suporte emergencial.	População em situação de calamidade.

Fonte: Elaboração própria.

Com base no Quadro 1, é possível perceber que o público-alvo pode estar presente tanto dentro dos equipamentos¹, quanto fora deles, sobretudo na proteção social básica, cuja

¹ Equipamentos no SUAS são unidades recomendadas para a realização do serviço socioassistencial.

atuação **preventiva, protetiva e proativa** expandem as intervenções aos territórios da cidade.

PARTE 1

Planejamento

Para realizar ações coletivas com os usuários dos serviços do SUAS, sugerimos que siga os passos:

1. **Defina o público-alvo:** o perfil do público indicará as formas de abordagem do conteúdo e das técnicas (ex: encontro com pessoas idosas ou crianças do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos requer práticas distintas).

Lembre-se que o SUAS possui como eixo central a **matricialidade sociofamiliar**, de modo que a PNAS define família como o “conjunto de pessoas unidas por laços consanguíneos, afetivos e ou de solidariedade, cuja sobrevivência e reprodução social pressupõem obrigações recíprocas e o compartilhamento de renda e ou dependência econômica (Brasil, 2004).”

Isto destaca a pluralidade de arranjos, que compreende fatores como conflitos, desigualdades vivenciadas no âmbito familiar, tensões e violência, que irão impactar no envolvimento de toda a família nas ações coletivas, sempre que possível.

2. **Defina o para quê:** identifique as mudanças que precisam ser realizadas (ex.: reduzir ou enfrentar as formas de negligência familiar, de que modo fazer isso).

3. **Busque apoio de lideranças comunitárias e do próprio público-alvo para a realização das ações coletivas no território:** É importante que a prática esteja alinhada com as lideranças comunitárias para maior participação e incluída no plano de trabalho do serviço para ser inserida definitivamente no âmbito do SUAS. O responsável pela ação, de comum acordo com a coordenação/gestão, poderá criar uma equipe com colaboradores do SUAS para ajudar na realização das ações coletivas.

4. **Defina o período dos encontros:** estabeleça os dias e horários para a realização dos grupos e crie um cronograma de atividades. A ampla divulgação do cronograma permitirá que o maior número de pessoas possa se juntar aos encontros.

5. **Defina o local:** identifique o melhor local para a realização dos grupos (no próprio equipamento, espaços abertos da comunidade, como quadras e salões das associações de bairros etc.). Escolha um local onde o público-alvo tende a se sentir mais seguro e confortável. Após a escolha, identifique as características do local para verificar as providências necessárias a serem adotadas para o encontro (ex.: o encontro será realizado no salão da associação de bairro. Existe retroprojeter ou quadro? A quantidade de cadeiras é suficiente?).

6. **Defina o conteúdo:** é preciso identificar o que os usuários precisam aprender ou compartilhar; o que é viável no tempo programado para as atividades e qual o conteúdo prioritário e transversal.

Dica: Para identificar temas interessantes à discussão, o profissional pode realizar uma pesquisa/enquete com os próprios usuários para saber sobre a relação deles com a família, a fim de entender a compreensão deles a respeito de questões sociais. Com isso, será possível saber se já presenciaram casos de violência e vulnerabilidades (esclarecer o que é considerado como violência e vulnerabilidade). Os temas também podem ser identificados pela observação das relações sociais entre os usuários, permitindo a compreensão dinâmicas familiares, desafios e demandas sociais.

7. **Defina os objetivos:** cada grupo deve ter a ele associado um objetivo que precisa ser avaliado a cada encontro.

8. **Defina como:** estabeleça as metodologias (formas) das atividades. Para saber mais, consulte o tópico “Técnicas para ações coletivas”, Parte 4.

PARTE 2

Organizando o conteúdo dos encontros

Cada conteúdo deve ser adaptado às demandas locais, considerando o contexto e as particularidades das famílias e da comunidade atendida, principalmente a partir da identificação voluntária (ex.: enquete) ou involuntária (ex.: observação participante) de temas.

São sugestões de conteúdos importantes a **comunicação familiar**, em ações que incentivem a expressão emocional, a escuta ativa e a resolução de conflitos no ambiente doméstico. A **educação financeira** também pode ser abordada, ajudando as famílias a planejar suas finanças e evitar conflitos relacionados ao orçamento familiar. **Cultura e identidade comunitária** é outro eixo essencial, com ações que valorizem tradições locais e promovam a troca de histórias entre gerações, fortalecendo o senso de pertencimento e respeito às raízes.

A **educação para os direitos humanos** pode ser trabalhada por meio de atividades que esclareçam direitos e deveres dos cidadãos (BPC, Benefícios Eventuais, programas e projetos existentes no município, como o “Mamãe pelicano”), empoderando as famílias na busca por melhores condições de vida. A **parentalidade positiva** pode ser explorada com encontros que incentivem práticas educativas responsáveis baseadas no afeto e no diálogo, ajudando pais/mães e responsáveis a lidar com os desafios cotidianos. Já a **prevenção à violência intrafamiliar** pode ser discutida selecionando a violência a ser abordada e mecanismos de proteção, incluindo explicações sobre o funcionamento da rede de apoio do município.

A **Saúde mental e emocional** também é um conteúdo relevante, com ações voltadas ao fortalecimento da autoestima, ao manejo do estresse e à promoção do bem-estar coletivo. Além disso, a **conscientização sobre inclusão e diversidade** pode incentivar o

respeito às diferenças e combater preconceitos, promovendo a convivência harmoniosa familiar e comunitária.

Uma vez definido o conteúdo dos encontros, sugerimos que você, profissional do SUAS, prepare o seu próprio conhecimento para compartilhá-lo posteriormente. Para auxiliar nessa preparação, elencamos materiais que ajudarão na sua preparação. Acesse [aqui](#).

Para cada encontro, o importante é buscar atualizar leituras e estudos, bem como revisar antigos conhecimentos. Isso trará organização ao conhecimento e segurança na exposição. Deixamos algumas dicas para lhe ajudar neste processo:

#DICA 1

Faça *download* dos materiais complementares para o seu computador. Com isso, poderá ler e listar os pontos importantes por unidade dentro de cada módulo ou parte. Também poderá utilizar o material sem a necessidade de internet.

#DICA 2

Elabore o roteiro da ação coletiva para garantir que os pontos essenciais sejam abordados e escolha atividades para que o grupo possa interagir de forma lúdica. Para saber mais, consulte o tópico: "Técnicas para multiplicar", Parte 5.

#DICA 3

Durante ou após a ação, anote as reflexões, dúvidas e sugestões dos participantes que surgiram durante o encontro. Também procure realizar a avaliação de cada encontro pedindo aos participantes que apontem os pontos positivos e negativos da conversa, bem como sugestões. Assim, você poderá utilizar esse material para planejar os encontros futuros e melhorar o desenvolvimento do conteúdo.

PARTE 3

Sugestão de temas a serem abordados pelos profissionais

Antes de avançarmos para as sugestões de técnicas que podem ser utilizadas, deixamos aqui sugestões de temas que podem ser colocados em evidências.

- **Comunicação familiar:** "Diálogo em Família: Construindo Pontes de Entendimento" ou "A Arte de Ouvir e Ser Ouvido no Lar".
- **Educação financeira:** "Planejamento Familiar e o Uso Consciente do Dinheiro" ou "Economia Doméstica: Pequenas Mudanças, Grandes Resultados".
- **Cultura e identidade comunitária:** "Resgatando Nossas Histórias: Valorização da Cultura Local" ou "Fortalecendo Laços Através das Tradições".

- **Educação para os direitos humanos:** "Direitos e Deveres: Caminhos para a Cidadania" ou "Conhecendo e Exercendo Nossos Direitos".
- **Parentalidade positiva:** "Cuidar e Educar com Afeto e Respeito" ou "Estratégias de Parentalidade para um Lar Saudável".
- **Prevenção à violência intrafamiliar:** "Famílias Livres de Violência: Prevenção e Proteção" ou "Construindo Relações Respeitosas no Lar".
- **Saúde mental e emocional:** "Cuidando de Si para Cuidar dos Outros" ou "Estratégias para uma Vida Emocional Saudável".
- **Conscientização sobre inclusão e diversidade:** "Convivendo com Respeito: Valorizando as Diferenças" ou "Diversidade como Fortalecimento da Comunidade".

Estas sugestões de temas têm como propósito permitir ao profissional eleger a sua abordagem, assim como as suas prioridades, de acordo com o perfil do público-alvo.

A todo o momento, os temas aqui propostos podem ser trabalhados com pessoas de todas as idades. Sugere-se que sejam pensadas e estimuladas ações em datas comemorativas ou reflexivas. São momentos especiais para que ações possam ser realizadas.

Pronto! Agora você já pode selecionar os temas prioritários. O próximo passo é selecionar a melhor técnica para os públicos e objetivos que busca alcançar. Para facilitar a sua escolha, apresentaremos na sequência exemplos de técnicas que se aplicam a diferentes ambientes. O importante é escolher a técnica que tenha maior adesão com o seu público-alvo e com o tema que deseja trabalhar. Vamos lá!

PARTE 4

Técnicas para ações coletivas

A escolha do formato da atividade é importante para programar o tempo de execução, os recursos e materiais necessários (ex.: aparelhos de TV, vídeo, projetores, papel, caneta, cartolina, entre outros) no desenvolvimento das atividades.

Abaixo, listamos algumas sugestões de atividades de fácil execução, mas você pode buscar muitas outras.

Tempestade de Ideias (Brainstorming)

Definição: Já ouviu aquele ditado que diz: "Duas cabeças pensam melhor que uma"? Pois bem, o intuito da tempestade de ideias, ou *brainstorming*, como também é conhecida, é justamente estimular a maior quantidade e diversidade de pensamentos e opiniões e extrair as melhores ideias acerca de um determinado tema. É uma boa estratégia para introduzir um novo tema e gerar o interesse dos participantes antes de se aprofundar em um assunto.

Material: folha de papel grande (papel metro) e pincel atômico; bloco de papel.

Tempo: 20 minutos.

Desenvolvimento:

- O profissional distribui ao grupo papéis e solicita que cada participante escreva palavras que lhe venham à mente quando pensa no tema em questão. (ex: Direitos da Pessoa Idosa).
- Os papéis são recolhidos e redistribuídos aleatoriamente.
- Solicita-se que cada um dos participantes faça a leitura das palavras que recebeu. O multiplicador deverá escrever no quadro de giz ou no papel cada palavra lida.
- A partir das palavras expressadas pelos participantes, o multiplicador introduz e desenvolve o tema.
- Competirá ao multiplicador fazer o fechamento da atividade, convidando as pessoas a apresentarem o resultado.

Observação: Alternativamente, ao invés de pedir para os participantes escreverem, estes podem apenas falar e o facilitador (profissional) escrever em um quadro as ideias/palavras ditas pelos participantes.

DICAS!

- Os participantes são convidados a compartilhar suas ideias de forma livre e sem julgamentos.
- O facilitador deve encorajar a rápida e espontânea participação de todos.
- Todas as ideias e respostas são aceitas e devem ser anotadas sem comentários.
- Uma resposta pode ser utilizada para desencadear outras respostas.
- As pessoas devem ser incentivadas a pegar carona nas ideias já apresentadas e potencializá-las.
- Quando ideias estiverem sendo apresentadas pelo grupo, continue pensando e registrando as novas ideias que possam surgir.
- Neste primeiro momento, a quantidade é mais importante que a qualidade. Lembrar que quantidade gera qualidade.

Dramatização

Definição: a dramatização, encenação de uma peça teatral ou esquete trata-se de uma metodologia utilizada como recurso educacional que alia aprendizagem e reflexão acerca de determinado tema com integração e comprometimento dos participantes. Além disso, desenvolve a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade dos envolvidos. As peças teatrais são mais longas e as esquetes são de curta duração (cerca de 10 minutos).

Material: Você poderá eleger profissionais ou usuários para serem os protagonistas ou figurantes, a critério da organização. Se o seu tema está associado a velhice, idadismo, envelhecimento ou relações intergeracionais, sugerimos o uso do Gibi 1 - Direitos da Pessoa Idosa. Mas, se o seu tema diz respeito aos Conselhos de Direitos da Pessoa Idosa,

Gibi 2. E, ainda, se for sobre Fundos da Pessoa Idosa, então Gibi 3. Em outros temas, recomendamos o preparo de um diálogo e sua divisão entre os “atores”, de forma prévia.

Tempo: Variável. Pode ser necessário mais de um dia ou de um encontro para a preparação da peça teatral ou esquete.

Desenvolvimento:

- O primeiro passo é a definição do tema e a elaboração do roteiro. Incluir: o enredo (a história), a identificação das personagens, o cenário, as falas das personagens.
- Para usar melhor o tempo, o profissional pode previamente definir o tema e desenvolver um roteiro.
- Em seguida, os participantes e/ou organizadores devem definir quais personagens da história irão interpretar.
- Após, é dado um tempo para os personagens ensaiarem suas falas.
- Após toda a preparação, ocorre a dramatização propriamente dita, ou seja, a encenação.
- Por fim, é realizada uma roda de conversa para compreender as sensações e conhecimentos gerados a partir da dramatização.

Observação: Pode ser estabelecido que alguns participantes ficarão responsáveis pela organização da peça ou esquete, como composição do cenário, elaboração do roteiro etc.

Debate

Definição: Trata-se de metodologia dinâmica e interativa que promove a formação de raciocínio lógico, estimula a interação entre os participantes, o pensamento crítico e a comunicação dialógica, e potencializa a capacidade de reflexão em relação ao tema abordado, por meio de discussão e confronto de pontos de vista antagônicos.

Material: Pesquisar uma história ou um caso de violência intrafamiliar. Várias cenas apresentadas, como as que se referem à violação de direitos, podem ser debatidas.

Tempo: 50 minutos.

Desenvolvimento:

- O profissional dividirá os participantes em três grupos: debatedores a favor do tema, debatedores contrários ao tema, e um terceiro grupo que será a plateia.
- Em seguida, o profissional apresentará um tema a ser debatido.
- Conforme estabelecido previamente, um grupo de participantes deverá apresentar argumentos a favor do tema proposto e o outro grupo argumentos contrários ao tema. Recomenda-se que seja determinado um tempo para o posicionamento de cada grupo. Por exemplo: 10 minutos para o grupo a favor, 10 minutos para o grupo contra, 5 minutos para a réplica do grupo a favor, 5 minutos para a réplica do grupo

contra, 5 minutos para a tréplica do grupo a favor, 5 minutos para a tréplica do grupo contra, 10 minutos para a exposição final do multiplicador.

- Após as apresentações dos debatedores, o profissional deverá estimular a participação das pessoas, solicitando ao grupo que compartilhe a sua experiência. Sugere-se que estruture perguntas para que a plateia possa comentar acerca dos pontos de vista expostos. Como sugestões:
 - Como foi para o grupo apresentar argumentos coletivamente (favoráveis ou desfavoráveis) sobre o tema?
 - Que conhecimento novo foi gerado a partir do debate estabelecido?

Observação: A forma de composição dos grupos poderá ser definida por sorteio ou a critério do profissional. Nessa dinâmica, não se busca o consenso, mas sim experimentar e realizar debates sobre temas urgentes, como são os relacionados aos direitos e rede de apoio para os envolvidos naquela experiência.

Construindo soluções com Pequenos Grupos

Definição: Trata-se de metodologia de divisão de um grupo grande de participantes em vários grupos pequenos, com o objetivo de aumentar a participação individual e fortalecer a construção coletiva, possibilitando que determinado tema/assunto seja discutido em subgrupos.

Material: Lápis ou caneta, cartolina, papel lembrete e uma folha contendo uma situação de vulnerabilidades intrafamiliar e personagens.

Tempo: 30 - 60 minutos.

Desenvolvimento:

- O profissional deverá dividir os participantes em subgrupos de até 6 pessoas (o número de grupos dependerá do número de pessoas que participarão do encontro).
- Em seguida, o multiplicador apresentará o tema-problema a ser discutido.
- Após definir o tema-problema, pedir aos participantes que escolham um dos personagens para que possa se colocar nesse lugar ao apresentar as suas sugestões ou argumentos.
- Solicitar aos participantes que façam sugestões para piorar a situação (identificada como problema) a partir do ponto de vista do personagem escolhido.
- Definir o tempo para a discussão. As sugestões deverão ser afixadas na cartolina.
- Solicitar aos participantes que façam sugestões para solucionar o problema (melhorar a situação) sob o ponto de vista do personagem escolhido.
- Definir o tempo para a discussão. As sugestões deverão ser afixadas na mesma cartolina onde se encontram os problemas.
- Cada subgrupo deverá escolher um relator, que registrará as conclusões de seu subgrupo, dentro do tempo pré-estabelecido.

- Terminado o tempo, o relator de cada grupo apresentará o resultado das discussões de seu próprio grupo, especialmente no que se refere às soluções para o problema identificado, sob o ponto de vista da personagem.
- O profissional fará o fechamento da dinâmica, apresentando uma síntese dos resultados da interação e das soluções para cada problema escolhido, para valorizar o processo de aprendizagem gerado.
- Na sequência, o profissional poderá, com base nas contribuições apresentadas, aprofundar a discussão e, ao final, concluir acerca do que foi apresentado pelos grupos e acerca da experiência da construção coletiva.

Observação: Esta dinâmica poderá ser utilizada para abordar problemas como vulnerabilidades relacionais. Vale lembrar, como diz o velho ditado, cujo autor desconhecemos: “Quem vive o problema normalmente é quem tem a melhor solução para resolvê-lo”.

Oficina de contação de história

Definição: A oficina de contação de histórias pode ser definida como um espaço ou reunião de pessoas dedicadas a compartilhar conhecimentos e a permitir aos ouvintes que vivenciem experiências utilizando a imaginação, por meio da arte de contar histórias de forma envolvente e criativa.

Material: Selecionar uma história de vida, de superação, ou de permanência de vulnerabilidades ou da violação de direitos.

Tempo: 30 - 60 minutos.

Desenvolvimento:

- O profissional deverá apresentar e contar a história.
- Iniciar a contação de histórias lembrando-se de que mudar a entonação e fazer uso de gestos pode aumentar o engajamento e manter a atenção do participante.
- Utilizar recursos visuais para enriquecer a contação, como imagens ou projeção. Os personagens em tamanho maior (folha A4), são indicados.
- Ao concluir a contação de história, sugerimos ao profissional abrir a fala para que os participantes possam se manifestar, se desejarem.

Observação: Sugerimos que os encontros para contação de histórias sejam realizados com pessoas de todas as idades, como nas ações comunitárias e nos grupos de convivência intergeracional.

Linha do saber

Definição: O jogo da “linha do saber” deve ser realizado em espaços que permitam a mobilidade das pessoas. A formação do grupo dependerá do objetivo da dinâmica, mas buscará proporcionar uma vivência e trocas de experiências entre pessoas que irão

assumir posturas contrárias sobre o tema que estará em evidência. Esta é uma dinâmica indicada para grupos homogêneos, por permitir maior participação e integração entre os membros. Mas também poderá ser aplicada em grupos com pessoas de diferentes gerações, quando o objetivo seja aproveitar o momento para promover a intergeracionalidade.

Material: barbante, giz ou linha com maior espessura; fita adesiva, papel para anotações; caneta; fichas contendo assertivas (criar frases sobre o tema escolhido).

Tempo: 30 – 60 minutos.

Desenvolvimento:

- O profissional deverá explicar para o grupo sobre o funcionamento da dinâmica.
- Na sequência, deverá solicitar ao grupo como que se posicione em um espaço que lhe permita movimentar em direção ao espaço demarcado que represente a sua opinião.
- O profissional sorteia uma assertiva e faz a leitura para o grupo.
- Em seguida, solicita ao grupo que se manifeste, se dirigindo para o lado demarcado que representa a sua opinião (concorda ou discorda).
- Após o grupo ser separado em dois subgrupos (Grupo 1 – lado esquerdo do espaço e grupo 2 – lado direito do espaço), dos que concordam ou discordam da assertiva, é chegado o momento de solicitar que justifiquem a escolha.
- Para que os grupos se manifestem, o multiplicador abrirá, primeiramente, a fala para os que fazem parte do Subgrupo 1, para os participantes que assumiram a assertiva como verdadeira. Na sequência, o subgrupo 2 deverá ser convidado a se manifestar e, ao contrário do subgrupo 1, irá assumir como falsa a assertiva disponibilizada pelo moderador. Caso o moderador prefira outra sequência de falas, não há problema.
- O momento final caberá ao profissional/moderador que fará uma fala de encerramento e solicitará as pessoas que voltem para os seus lugares iniciais.

Observação: A formação de subgrupos poderá ocorrer quantas vezes forem necessárias, a depender do objetivo da dinâmica e da quantidade de temas que se pretende abordar. As assertivas são frases que podem ou não ser verdadeiras ou mitos que se busca desconstruir. Elas devem estar alinhadas com o propósito da dinâmica, preparadas com muito cuidado para que o objetivo da dinâmica seja alcançado.

Rodas de Conversa

Considerando a diversidade de possibilidades de encontros que podem ser realizados nos diferentes equipamentos do SUAS e nos territórios, e tendo a roda de conversa como uma metodologia aplicável em diferentes realidades, públicos e para diversos

objetivos, optou-se por dar um destaque a esta metodologia e apresentar algumas formas de utilização dos volumes dos gibis.

Antes de seguirmos, vale destacar que as rodas de conversa poderão ser utilizadas de forma complementar, como fechamentos de dinâmicas distintas ou tendo um fim em si mesma, como metodologia principal para abordar as temáticas selecionadas.

Mas, o que é uma Roda de Conversa?

A Roda de conversa é um espaço de partilha onde o diálogo possibilita uma formação humana mais profunda e coletiva sobre diversos temas, em ambientes ricos de oportunidades de construção de conhecimento. Nesse formato, o processo de escuta é fundamental, com cada participante contribuindo para a construção de ideias em uma dinâmica de interação que alterna falas, escutas e reflexões. Esse método promove um ambiente de cuidado mútuo, onde diferentes perspectivas se unem para enfrentar complexidades e contradições, permitindo que todos aprendam a lidar com a diversidade e a desenvolver um entendimento mais inclusivo e coletivo (WARSCHAUER, 2018).

Para o seu uso, alguns cuidados devem ser tomados, sendo:

- **Criação de um ambiente seguro e acolhedor:** É essencial que os participantes se sintam confortáveis para compartilhar suas experiências e opiniões sem medo de julgamento;
- **Definição clara de objetivos:** As rodas de conversa devem ter um propósito bem definido, para que todos os participantes saibam o que se espera delas;
- **Facilitação ativa:** O facilitador deve guiar a discussão de maneira equilibrada, garantindo que todos tenham a oportunidade de falar e que a conversa permaneça no tópico;
- **Respeito às diferentes perspectivas:** É importante valorizar e respeitar as opiniões e experiências de todos os participantes, mesmo que sejam diferentes das suas próprias;
- **Retorno construtivo:** O retorno deve ser dado de forma construtiva, com o objetivo de promover o crescimento e o aprendizado dos participantes.

Agora que já sabemos o que é e como pode ser utilizada, vamos seguir com a apresentação de um exemplo de sua aplicação.

Roda de Conversa - **Idadismo e os seus efeitos**

Objetivo geral:

Compreender como o idadismo se manifesta nas vivências do grupo.

Objetivos específicos:

- Refletir sobre o tema e sobre as vivências;
- Interação entre a turma;
- Esclarecimento de dúvidas;
- Preparação para o enfrentamento do idadismo.

Público-alvo: Usuários do SCFV para pessoa idosa.

Recursos Necessários:

- Gibi 1 - Direitos da Pessoa Idosa;

Duração para cada prática: 1h

Pontos de atenção para a preparação da Roda de Conversa

1. Introdução (10 minutos)

- O profissional/multiplicador deverá acolher os participantes;
- Na sequência, explicar o objetivo da roda de conversa, que é compreender como o idadismo se manifesta nas vivências do grupo.

2. Leitura de partes do Gibi 1 (40 minutos)

- A leitura de partes do Gibi 1 será realizada pelo moderador. Sugestão eleger passagens que ilustram diferentes situações de ocorrência do idadismo;
- Ao apresentar cada passagem, solicitar aos participantes que se manifestem, dizendo se já ocorreu algo parecido com ele ou com alguém conhecido expressando a sua opinião sobre o fato;
- Ao final de cada passagem, fazer uma síntese sobre o fato ilustrado no gibi e sobre os comentários do grupo.

3. Fechamento da roda de conversa (10 minutos)

- O momento final será dedicado a responder à seguinte pergunta: Que conhecimento foi gerado a partir dessa roda de conversa?
- Ao final, faz importante dizer sobre os tipos de idadismo e sobre a necessidade de enfrentamento.

Apresentação da síntese:

O processo de síntese é também um momento de realizar uma avaliação sobre o momento vivenciado. O importante é valorizar a participação dos membros e, se prudente, convidá-los para uma nova experiência, em que será possível colocar outros temas em discussão.

PARTE 5

Sugestão de técnicas por tema

Agora que você já possui sugestão de conteúdo, temas e técnicas, segue sugestão de como cada conteúdo e tema pode ser trabalhado por técnicas:

- **Comunicação familiar:** Pode ser trabalhada por meio de oficinas e dinâmicas que promovam o diálogo entre os membros da família. Por exemplo, utilizar a técnica do "ouvir ativo", em que cada participante repete o que entendeu da fala do outro, garantindo compreensão e valorização da fala. Também podem ser realizadas

dramatizações de situações do cotidiano para refletir sobre formas mais saudáveis de comunicação.

- **Educação financeira:** Esse tema pode ser explorado em palestras, debates e oficinas práticas. Por exemplo, criar simulações de orçamento familiar, ajudando os participantes a planejar gastos essenciais e economizar. Uma atividade pode incluir a elaboração de planilhas simples ou o uso de materiais reciclados para ensinar conceitos de poupança às crianças.
- **Cultura e identidade comunitária:** Atividades como contação de histórias podem incentivar a troca de memórias e tradições locais. Oficinas de artesanato tradicional ou culinária típica podem fortalecer o vínculo com a cultura local. Uma ideia é realizar exposições ou feiras culturais que promovam o orgulho e a valorização das raízes comunitárias.
- **Educação para os direitos humanos:** Pode ser trabalhada com debates e dinâmicas que expliquem os direitos previstos na Constituição ou no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Por exemplo, organizar uma roda de conversa com um advogado ou assistente social para tirar dúvidas práticas sobre acesso a benefícios sociais ou direitos trabalhistas.
- **Parentalidade positiva:** Workshop com a dinâmica “construindo soluções com pequenos grupos” sobre resolução de conflitos e métodos disciplinares não violentos podem ser eficazes. Atividades práticas podem incluir simulações de situações desafiadoras na criação dos filhos e orientações sobre como lidar com elas, reforçando o uso do afeto e do diálogo como base para a educação.
- **Prevenção à violência intrafamiliar:** Promover a dinâmica “linha do saber” e palestras sobre os tipos de violência (física, psicológica, patrimonial) e os serviços de apoio disponíveis. Uma ideia prática é criar um espaço seguro para depoimentos anônimos, seguido de discussões que fortaleçam o autocuidado e o respeito mútuo. Pode-se trabalhar também com campanhas de conscientização na comunidade, abordando sinais de alerta para situações de violência.
- **Saúde mental e emocional:** Oferecer rodas de conversa e oficinas que abordem temas como manejo do estresse, ansiedade e depressão. Por exemplo, pode-se propor técnicas de respiração e relaxamento, ou promover atividades criativas, como pintura ou escrita, para aliviar tensões e melhorar o bem-estar emocional.
- **Conscientização sobre inclusão e diversidade:** Oficinas sobre preconceitos e discriminação podem incluir a técnica de “Tempestade de Ideias (Brainstorming)” e dinâmicas que simulem situações de exclusão para promover a empatia. Eventos culturais com apresentações de diferentes grupos étnicos, religiosos ou de pessoas com deficiência podem fortalecer o respeito e a convivência pacífica. Um exemplo prático é a organização de debates sobre inclusão nas escolas e no ambiente de trabalho.

Pronto! Faça seu planejamento com o auxílio do instrumental abaixo e mãos-à-obra! Basta divulgar amplamente a ação com o público-alvo, compartilhar seus conhecimentos e colaborar para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Ah! Lembre-se de registrar no Suasnet a participação e desenvoltura de cada usuário/a. Para isso, leve a lista de presença e prancheta para anotações. Boa sorte!

APÊNDICE:

INSTRUMENTAL DE PLANEJAMENTO DE AÇÕES COLETIVAS

1. Defina o público-alvo. Quem?
2. Defina o para quê. Para que (justificativa)?
3. Busque apoio de lideranças comunitárias e do próprio público-alvo para a realização das ações coletivas no território. Envolvidos?
4. Defina o período dos encontros. Datas? Por quanto tempo?
5. Defina o local: Onde?
6. Defina o conteúdo: O que?
7. Defina os objetivos. Quais metas?
8. Defina como. De que forma (metodologias de cada encontro)?
 - a) Envolvidos (lideranças comunitárias, convidados, equipe do SUAS):
 - b) Objetivo específico:
 - c) Material:
 - d) Tempo da ação (duração):
 - e) Desenvolvimento (passo a passo):
 - f) Observações:

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Viviane Oliveira de. O uso da dramatização na avaliação do processo de ensino- -aprendizagem. **Revista Brasileira Psicodrama**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 231-235, 2019.

BARBOSA, Camila L. B.; MARINHO, Danillo M.; CARVALHO, Larisse S. C. de **O. Debate como metodologia de ensino para a aprendizagem crítica**. *In*: ALMEIDA, Breno T. de;

CARVALHO, Daniel A. da S. O. (Orgs.). **Programa de Residência Pedagógica na Licenciatura em Informática: partilhando possibilidades**. Natal: Faculdade Metropolitana Norte Riograndense, 2020. 151 p.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004**: Norma Operacional Básica – NOB/SUAS. Brasília: MDS, 2004.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Resolução CNAS nº 109, de 11 de novembro de 2009. Brasília: CNAS, 2009.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Agropecuária. Formação de facilitadores de aprendizagem com enfoque para as temáticas do Agro. *In*: ENAP. **Curso Formação de Facilitadores de Aprendizagem**. Módulo III: Metodologias ativas. Brasília: Escola Nacional de Administração Pública - ENAP, 2023.

MARTINS, Simone et al. **Ressignificação da Velhice no SUAS: Do Enfrentamento do Idadismo ao Fortalecimento dos Conselhos e Fundos de Direitos da Pessoa Idosa**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2024. Disponível em: <https://edicoes.portaldoenvelhecimento.com.br/novo/produto/resignificacao-da-velhice-no-suas-do-enfrentamento-do-idadismo-ao-fortalecimento-dos-dos-fundos-de-direitos-da-pessoa-idosa/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. Editora Paz e Terra, 2018.

